

Conforme acordo assinado com a Intersul, a Eletrosul não mais pagará o ticket alimentação no mês de gozo das férias (mesmo que a pessoa tenha adquirido direito às férias antes da assinatura do acordo, em 1º de dezembro).

Esta semana a Intercel continua percorrendo a Celesc, convocando os trabalhadores a discutirem os ritérios que vão balizar as avaliações de desempenho na empresa. É importante participar das discussões nos locais de trabalho e nas assembléias que serão convocadas para este fim.

O presidente FHC assina esta semana um decreto que restringe a aposentadoria especial por categoria profissional. Pelo decreto, segundo informou o ministro da Previdência Reinhold Stephanes, só receberão o benefício os trabalhadores expostos ao que chama de "agentes nocivos". Pelo critério de exposição a "agentes nocivos", muitas atividades tradicionalmente classificadas como de risco vão ficar de fora das aposentadorias especiais. A lista de agentes nocivos, divulgada terça-feira por Stephanes, foi dividida em quatro categorias: químicos, físicos, biológicos e associados. Os eletricitários desde o ano passado não têm mais direito a este benefício, conforme estabeleceu Medida Provisória 1.523.

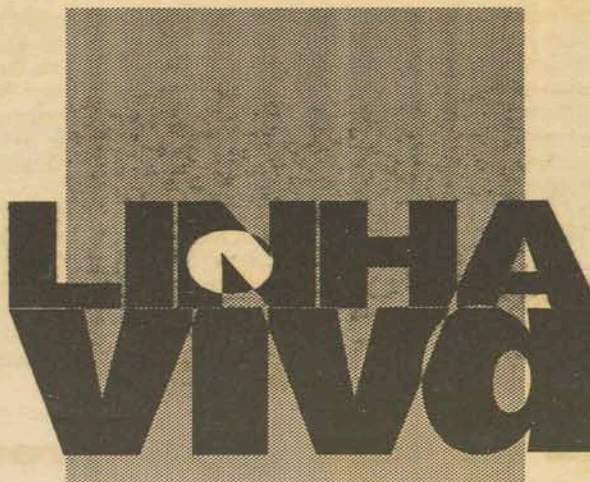
PRIVATIZAÇÃO

Uma Questão de Segurança

Em 10 dias do mês de janeiro três eletricitistas morreram a serviço da Celesc. Os três não eram funcionários da empresa, mas empregados de empreiteiras. E, como a maioria destes trabalhadores, com qualificação técnica duvidosa para executar tarefas que por obrigação devem ser realizadas pela Celesc.

A Intercel está discutindo o assunto para dar entrada com medidas jurídicas e administrativas.

AS MORTES - A primeira aconteceu no dia 13 de janeiro, em Jaguaruna quando o eletricitista Osvaldir Gomes, 34 anos, empregado da empresa Botega, realizava um serviço de religação. A segunda morte foi na tarde do dia 14 de janeiro, quando Sérgio Borges, empregado da Elecat, acompanhava uma equipe que retirava dois postes com rede de baixa tensão e iluminação no trevo da BR-101, em Pirabeiraba, para liberar as obras de duplicação da estrada. Sérgio foi realizar o corte no primeiro poste e levou um choque, caindo sobre a rede energizada de uma altura de cinco metros. O terceiro eletricitista morreu na tarde de domingo, dia 19 de janeiro, em Gravatá. Vilson Nilton de Borba de 30 anos atendia o pedido de um consumidor que reclamava de mau contato no seu ramal de serviço. Segundo o depoimento do funcionário da Celesc que era seu parceiro no momento do acidente, Vilson tinha entrado no plantão uma semana antes e mostrava segurança no trabalho. O trabalhador da Celesc porém não soube informar se



Nº 395
23/01/97



Vilson tinha treinamento para trabalhar em rede energizada. Conta que quando viu o companheiro debatendo-se no topo da escada, como se tivesse tomado um choque elétrico, subiu para retirá-lo, já que estava preso com cinto de segurança. Tentou fazer respiração boca a boca e depois com ajuda de outras pessoas desceu a vítima. No chão tentou novamente a respiração e massagem cardíaca, mas o trabalhador já não respirava e não tinha pulsação.

QUEM SE RESPONSABILIZA? - Há muito tempo os sindicatos vem denunciando os perigos da terceirização e a consequente privatização da empresa. As mobilizações entre os trabalhadores são crescentes. Semana passada foi divulgada a carta denúncia dos eletricitistas do plantão de Florianópolis. No dia 20 de janeiro, foi a vez dos eletricitistas de Rio do Sul que num abaixo assinado à

Administração Regional da Celesc também afirmaram que não se responsabilizam pela segurança de contratados e responsabilizarão a Administração por algum acidente que venha a ocorrer com qualquer eletricitista seja ele terceirizado ou da empresa.

Na carta, os trabalhadores de Rio do Sul salientam a irresponsabilidade administrativa de colocar na área pessoas sem a devida qualificação. E lembram que, "no momento em que se discute a unificação do COD/SUTE em outras regiões, na busca de ganho de produtividade, melhor atendimento, redução no tempo de interrupção ao consumidor, enfim serviços de melhor qualidade à população, não se justifica o retrocesso operacional e administrativo implantado aqui, e nos perguntamos a que servem todas as discussões de modernizar esta empresa? A que interesses estarão servindo estas pessoas, a quem estão querendo favorecer? Certamente não à Celesc, certamente não à qualidade de serviços."

Já em dezembro passado, todo escritório da Celesc em Gaspar, se recusou a trabalhar com empreiteiras. Todos se comprometeram a assumir mais serviços desde que nada naquela região seja terceirizado e estão conseguindo.

A contratação de empreiteiras denota deficiência no quadro de pessoal nas áreas fins da empresa. Assim cai por terra o discurso da diretoria da Celesc de que está preocupada em atender bem a população com serviços de qualidade.

Monopólio começa a preocupar chilenos

Começam a aparecer os problemas decorrentes da privatização do setor elétrico. A "gigante chilena" privada de serviços públicos, Enersis S.A., está muito afoita segundo até a opinião do governo neoliberal do seu país - o Chile. A Comissão Antimonopólio Chilena deve decidir até maio se o domínio da Enersis no mercado doméstico representa um perigo para a concorrência. Se achar que ela está monopolizando áreas de serviço será obrigada a vender ativos.

A empresa controla a maior distribuidora de eletricidade do Chile, a Chilectra Metropolitana S.A.; a maior geradora chilena, a Empresa Nacional de Eletricidade S.A (Endesa); e a maior empresa de transmissão,

a Transelec S.A. Agora ela quer comprar empresas de utilidade pública de água. O império de geração de energia da Enersis alcançou a Argentina, Colômbia e Peru e recentemente o Brasil, onde comprou a Cerj que distribui energia para 56 cidade fluminenses, ou uma população de 4,1 milhões de habitantes.

O representante do Partido Democrata-Cristão Chileno, Ramon Briones, diz que está acontecendo uma "inconveniente concentração de poder na Enersis". Se a empresa comprar empresas de abastecimento de água, entende Briones, ficará "numa posição de tanto domínio que poderá ter influência sobre as políticas do governo".

Editais de venda da CEEE quase pronto

Sai ainda esta semana o edital de concorrência para contratar a empresa que vai avaliar o mercado a fim de definir qual a melhor forma de oferta e o valor das ações das empresas em que foi dividida a CEEE (companhia energética do Rio Grande do Sul). Até lá a companhia está testando "mudanças administrativas" para realizar o desmembramento da empresa, a primeira delas é a divisão contábil. O projeto de desmembramento e privatização da CEEE foi aprovado dia 23 de dezembro pela assembleia legislativa gaúcha e prevê a divisão da empresa em seis unidades.

O Movimento Único dos Eletricitários, que se opõe à privatização estuda as formas jurídi-

cas de barrar a implantação deste projeto.

Semana passada o atual presidente da CEEE, Pedro Bisch Neto informou que o fundo de pensão da estatal será modificado. Ele deixará de contar com apenas o patrocínio da CEEE e passará a receber recursos de outras empresas que integrem o sistema energético do Estado. Atualmente a CEEE deve R\$ 270 milhões para a fundação (o equivalente a 41,5% do patrimônio da entidade).

Ainda em janeiro será lançado também o Programa de Transferências Voluntárias (PTV) de 1,2 mil trabalhadores da CEEE para regiões com atendimento deficiente. E até julho sai um novo Programa de Demissões Voluntárias.

Reeleição: Um péssimo negócio para o Brasil

Adiada novamente para a semana que vem a votação no Congresso sobre a reeleição. O governo apesar de ter a maioria não está confiante a respeito dos resultados que possa obter. Na quinta-feira passada, na Assembleia Legislativa de Santa Catarina foi lançado o Fórum Contra a Reeleição, com a participação de parlamentares, sindicatos e entidades populares.

Vânio dos Santos, deputado catarinense (PT) que assumiu no dia 6 de janeiro, atendendo a convocação extraordinária do Congresso para votar uma pauta especial de "temas de crucial importância para a nação", conforme explicação do presidente FHC para esta convocação, ainda não viu nenhum destes assuntos serem abordados pelos parlamentares, apesar de já terem passado mais de 15 dias de "trabalhos". A única coisa que interessa atualmente em Brasília é a reeleição.

"Na convocação extraordinária", conta Vânio, "estavam listados mais de 60 itens, alguns considerados de emergência e inadiáveis, segundo o governo, como a reforma da previdência, tributária e administrativa. Mas o que se vê mesmo é o governo usando toda sua energia para votar a reeleição. E o país está paralisado, nada se decide, nada se discute, não se vota nada. Todo mundo aguarda que a vontade do presidente FHC seja atendida e ele passe a emenda da reeleição para poder continuar no cargo".

Entre os inúmeros motivos que levam a bancada do deputado a se posicionar contra o "capricho do presidente FHC", há sólidos argu-

mentos. "É um casuismo. Os deputados e senadores que estão hoje no Congresso Nacional não foram eleitos constituintes. E, para que a emenda da reeleição passe temos que mudar a Constituição. Por isto é que acreditamos que deve haver um plebiscito a respeito do assunto."

O outro argumento bastante usado pelos governistas é de que é necessária a permanência de FHC no poder para dar continuidade ao Plano Real, também não comove a oposição. "A estabilidade econômica, o fim da inflação são coisas que todo mundo quer, mas isto não resolveu os problemas do país. Como é que estão os cinco pontos que FHC apontava como prioritários na sua campanha? De mal a pior. Não dá para falar em saúde, emprego, segurança, agricultura e educação no país nestes últimos quatro anos sem lamentar o que vem acontecendo. Achamos que ao contrário: o país tem que mudar. É isto, ou caminhamos para a mesma situação em que se encontram o México e a Argentina".

Do Congresso Nacional, Vânio diz que observa com pesar "o comitê eleitoral que se transformou o Palácio do Planalto e o balcão de negócios que virou a Câmara." Poucos em Brasília estão preocupados em ver que o país está parado. "Existem parlamentares aqui que querem discutir a questão do emprego, do salário mínimo, da agricultura, da previdência. Fazemos isto da tribuna. Não sei se teremos êxito. Mas estamos cumprindo nosso dever para com o país".

Caçando fantasmas

A maioria dos empregados da Celesc goria de ter passado o Natal sem o presente que o presidente da empresa Paulo Tatim deu a todos eles poucos dias antes do 25 de dezembro. O presente era uma cartilha que falava sobre o desemprego.

O texto da "cartilha-presente" está recheado de ameaças para quem não se "enquadrar" e promessas para os que seguirem os ensinamentos de Wagner Mas de Andrade, o autor da história em quadrinhos apresentada na cartilha. Na apresentação Paulo Tatim esclarece que a revista trata "basicamente do novo relacionamento entre empresas e empregados". O título da obra não poder ser mais sugestivo: "O Fantasma do Desemprego". Como presente de Natal é mais revelador ainda.

O Linha Viva conversou a respeito do conteúdo da cartilha com a professora de Sociologia do Trabalho do Departamento de Ciências Sociais da UFSC, Doutor Bernardete W. Aued e elaborou outra cartilha, com a análise da professora.



"A primeira coisa que chama atenção é que num mundo que convive com um milhão de desempregados uma empresa como a Celesc onde o trabalhador goza de certa estabilidade, que tem um emprego que goza de estatuto social na comunidade de ser um bom empregado, recebe do patrão uma cartilha que fala de fantasmas de desemprego. A circunstância é reveladora. Paulo Tatim fala no Natal sobre fantasmas. Que fantasia é esta? Que realidade é esta?"



A cartilha aposta na mudança através da criatividade do trabalhador. Para ela o sucesso está na capacidade de reagir criativamente ao momento. Mas este é um fantasma, é uma fantasia. O critério hoje não passa pela criatividade mas pela requalificação. É então nos perguntamos: que requalificação se precisa para saber apertar botões?

Mas a mudança pode trazer coisas bem interessantes mudarmos o nosso eixo de atenção do desemprego. Porque não aproveitamos este momento e começamos a pensar na apropriação da riqueza? Por que não mudar rumo da conversa e começar a discutir a acumulação de riqueza?

No caso da Celesc, a riqueza acumulada por esta empresa é incalculável. Talvez esteja na hora do trabalhador pensar em usufruir desta riqueza. Isto implica em redefinir prioridades, em pensar não apenas em segurar seu emprego, mas em mais coisas. Só como exemplo: atualmente todo trabalhador da Celesc tinha luz elétrica, graças a sua família, que representava uma melhoria nas condições de vida daquelas pessoas que estavam em um forno elétrico, ar condicionado, etc.



"Outra coisa que nos faz pensar é a novidade do reconhecimento que está no texto da cartilha, de que vivemos uma mudança, agora permanente, no mundo do trabalho. O trabalho não é mais como era antigamente, quando se pensava que as coisas eram eternas. A cartilha revela que a empresa não é mais a mesma, que os padrões não são mais os mesmos. O movimento dos capitalistas implica em fortes mudanças, objetivas e subjetivas.

O que nos perguntamos é o que é o trabalho hoje, como será o trabalho amanhã, que elementos novos os capitalistas estão colocando no mundo do trabalho?

Também retrospectivamente fica evidenciado na cartilha como a mudança destrói coisas e relações entre as pessoas. Os capitalistas mudaram o cenário do trabalho no século passado criando o trabalho industrial. Agora, através de uma mudança traçada por eles estão destruindo o trabalho industrial e querem que o trabalhador se readecue. Ele está mandando um recado: não precisamos mais de quantidade de braços mas de qualidade."



Vivemos um momento de impasse. Toda transição traz impasses, deixa o homem temeroso. Mas nossa responsabilidade é olhar para além disto, explorar esta mudança para o nosso bem. A cartilha dá o seu recado bem claro: ela quer cooptar, adequar o trabalhador. Jamais ela falará em se insurgir contra esta realidade, sair desta ordem social, como por exemplo faz o MST que não está esperando a legalidade, mas enfrentando uma ordem imposta com organização. A cartilha diz que temos que seguir uma ordem social criada pelos capitalistas e não criada por toda sociedade. O desemprego não é um problema, mas uma consequência desta ordem social. Nós podemos pensar em outra ou teremos que nos submeter a uma ordem instituída por uns poucos.

Isto porém implica numa forte organização dos trabalhadores. Para o celesquiano isto não é problema porque eles têm exemplos fortes de organização.



Nos últimos tempos, adormeceram nossa capacidade de sonhar. Deixamos de pensar que forma de sociedade queremos. O sonho, como a fantasia, os fantasmas, são parte da realidade. Vivemos um momento rico, que abre o debate, que suscita a curiosidade das pessoas. É momento de pôr nos sonhos a realidade, de pensarmos em outros jeitos de viver. Não é possível viver com tanta exclusão social. Já temos riqueza suficiente produzida. Já temos alimentos suficientes para vivermos sem o fantasma da fome. Temos que tirar proveito deste momento para adequar a realidade aos nossos sonhos.

TRIBUNA LIVRE

Assassinatos no Campo:

A Irresponsabilidade do Governo FHC

Coordenação Nacional do MST

No dia 13 de janeiro, três trabalhadores rurais foram fria e barbaramente assassinados na Fazenda Santa Clara, no Pará. Há informações da possibilidade de existência de outros 13 corpos desaparecidos. As evidências são de ter ocorrido uma execução sumária.

Dia 16, em Rio Bonito, também no Pará, na Fazenda Giacometi, dois trabalhadores foram assassinados por um grupo de pistoleiros do latifúndio Giacometi, com tiros de fuzil AR-15, enquanto trabalhavam na área, já desapropriada e que será entregue aos trabalhadores dia 23.

Como em Eldorado dos Carajás (PA), massacre ocorrido há menos de um ano, tudo se repete: trabalhadores são assassinados, o governo corre à imprensa para dizer que exigirá uma punição rigorosa e os criminosos continuam impunes.

Tão responsável quanto o latifundiário, que armou seus jagunços, é o Ministro de Política Fundiária, Raul Jungman, que contenta-se em ocupar os espaços na mídia, ao invés de adotar medidas eficazes de reforma agrária. Se os dados que o Ministro apresenta à imprensa são verdadeiros, por que aumenta a violência e é crescente a tensão social no meio rural? Ambas diminuiriam se o governo realmente estivesse fazendo a reforma agrária.

Também é responsável o Presidente da República que nada faz para acabar com a impunidade dos crimes cometidos contra os trabalhadores. Ao contrário, empenha todos os esforços do seu governo para atender sua vaidade pessoal de se reeleger e na destruição da Nação, entregando nossas riquezas e as empresas estatais aos grupos econômicos internacionais.

Os fatos ocorridos recentemente na região paulista do Pontal do Paranapanema, mostram com mais evidência, que esse governo não tem nenhuma disposição de coibir as ações criminosas dos latifundiários. Ali, foi fortemente documentado o grande número de armas em poder dos latifundiários, os disparos cometidos contra os trabalhadores, contra a imprensa e, até mesmo, contra a PM de São Paulo. Foi identificado um policial do estado do Mato Grosso do Sul, exercendo serviços de pistolagem a mando do latifundiário. Ninguém foi punido e não ocorreu nenhum desarmamento.

Conclamamos a sociedade brasileira e internacional, a exigir do governo brasileiro, que assuma sua responsabilidade e puna os responsáveis pelos massacres de trabalhadores rurais, que estão se tornando rotineiros em nosso país.

Chega de trabalhadores rurais serem assassinados por causa de inoperância e ineficácia desse governo.

É preciso acabar, de uma vez por todas, com o império do latifúndio no Brasil!

EXPEDIENTE

Linha Viva é uma publicação semanal da Intersindical dos Eletricitários de Santa Catarina com tiragem de 6.100 exemplares. Conselho Editorial: Dinovaldo Gilioli, Arno Veiga Cugnier, Mauro G. Passos, Viviani Bleyer Remor, Antonio Valdir Vituri e Olga Leocádia Vieira. Editores: Marli Cristina Scmazzon (DRT/RS4966). Ilustrações: Frank Maia. Diagramado e composto na Estação de Editoração Eletrônica do Sindicato dos Eletricitários de Florianópolis. Impressão: Gráfica do jornal Diário Catarinense. Redação: Rua Lacerda Coutinho, 149, Fpolis, SC. CEP: 88015-030. Fone (048) 224-9114. Telefax: (048) 224-9104. Cartas para a Tribuna Livre não podem ter mais de 30 linhas, e sua publicação fica a critério dos editores. As matérias assinadas não correspondem necessariamente à opinião do jornal.



História pós neoliberalismo (ou O qué que eu sou?...)

Olga Leocádia Vieira
Diretora/Sinergia

Era uma vez um sociólogo que tinha certeza que iria governar a maior cidade do país.

Preparou uma grande festa de comemoração e apareceu, antes da hora na telinha, triunfante, com cara de quem diz de si para si: "... haverá alguém mais inteligente, mais elegível do que eu?" Ao que o povo respondeu: "O velho bruxo da vassoura ainda não morreu." Não, o nome não é Narciso.

Amargando fragorosa derrota o sociólogo conseguiu recompor-se, elegendo-se senador da república. Parece pomposo, mas não era grande coisa numa época em que a maior parte do legislativo legislava subserviente à vontade do executivo.

O Senador, enjoado de ser senador, resolveu ser ministro. Na época, diziam as más línguas que o que ele queria mesmo era ser presidente.

Conseguiu ser ministro com a ajuda de um homem topetudo que sucedera a um trapalhão corrupto que fora com muita sede ao pote e acabou deposto porque espalhou muita lama.

Já ministro, bolou um plano que, dizia-se, exterminaria o monstro terrível que tinha o mau hábito de comer salário de trabalhador e fazer rico ficar cada vez

mais rico "numa brincadeirinha inocente" chamada ciranda financeira. Só que o plano, de cara, abocanhou um naco do salário dos trabalhadores e mais tarde passou a ter o péssimo hábito de comer empregos. Também, o que o povo queria? Livrar-se de um monstro de graça? Não mesmo! Ainda assim, o plano foi um sucesso. Trabalhadores que tinham emprego passaram a ter até o direito de comprar ventilador a prazo. Com juro altos, é verdade, mas a prazo.

O povo, encantado com a sabedoria do ministro, elegeu-o presidente - aquilo que pensavam que ele queria desde o início. Uma vez presidente, governou como se fosse um rei (talvez inspirado num título de "príncipe" que recebera quando era sociólogo), sempre rodeado por um séquito de oportunistas, como é próprio de um rei. Mas ele sabia que não era um rei, porque a lei maior do país determinava um prazo para que ele deixasse o trono. Então, o presidente bolou um plano. Só que ele foi com muita sede ao pote. Ao mesmo tempo que lançou um plano de reeleição, lançou sua recandidatura. Até hoje existem comentários, não se sabe se maldosos ou não, de que foi o povo que pagou a conta do

Para que serve o povo senão para pagar a conta?

Neste ponto a história torna-se um pouco nebulosa e não se sabe ao certo o seu desfecho. Alguns contam que o presidente imitou um colega de um país vizinho que conseguiu ficar mais quatro anos como presidente. Outros dizem que ele foi mais longe no reinado, plagiando um outro colega, de outro país vizinho, que conseguiu ficar mais tempo, depois de fechar o congresso e governar solito num regime chamado de ditadura.

Até hoje não se sabe se a história se perdeu porque o povo não tinha memória ou se porque de tão escabrosa o povo preferiu esquecê-la.

Desse povo, sabe-se que era caipira mas não era burro.

Fato curioso e obscuro, que não se sabe se tem alguma coisa a ver com a história, é que nesse país, quando um aluno pergunta ao professor de química o que é o FHC, o professor responde: "Foi um produto colocado num tubo de ensaio por um charlatão chamado New Liberal. Mas não vamos entrar em detalhes. Há ^{esta} muito tempo o povo retirou o produto do mercado por considerá-lo excessivamente corrosivo".